

Novos Tempos, Velhas Recomendações II (função analítica: função de escuta)

Artigo | Trabalho apresentado na Jornada Científica da SBP de PA em 2009.

Ignácio Alves Paim Filho

Psicanalista, Membro pleno do CEP de PA,
Membro associado da SBP de PA.

Lísia Leite

Psicanalista, Membro pleno do CEP de PA,
Membro associado da SBP de PA.

Resumo: Os autores se propõem a refletir, nesse “Novos Tempos, Velhas Recomendações II”, a interação entre Função Analítica e a Função de Escuta. Para tal, partem da regra fundamental da atenção flutuante, vendo nessa um instrumento vital para que o analista possa escutar o fluir dos inconscientes. Buscam tecer a hipótese metapsicológica de que a “atenção” está para a força de ligação da pulsão sexual assim como a “flutuação” está para a força disruptiva da pulsão de morte. Ratificam a importância de se validar nesses novos tempos a escuta analítica do inconsciente, do representável ao irrepresentável, tendo como vetor a atenção flutuante.

Palavras-chave: Analista. Atenção flutuante. Escuta. Inconsciente.

Ao escrever tenho que cegar-me artificialmente a fim de focalizar a luz sobre um ponto escuro, renunciando à coesão, à harmonia, à retórica (FREUD, 1916, p. 65).

A função analítica é marcada pelo paradoxo. Busca viabilizar o encontro do analisando com a verdade do seu inconsciente ao mesmo tempo em que utiliza o próprio inconsciente do analista como instrumento para chegar a esse conhecimento. Assim sendo, que caminho deverá ser percorrido na tentativa de se viabilizar tal encontro?

Façamos algumas reflexões. Propusemos, em um trabalho anterior¹, que a função analítica está diretamente relacionada ao exercício da função paterna, e abordamos a importância da análise pessoal do analista como condição primordial para o exercício ético dessa função. Pensamos que o acesso possível ao universo desejante do analista o habilita ao exercício da abstinência e, conseqüentemente, ao exercício de sua função.

Nesse trabalho pretendemos seguir refletindo sobre as questões que marcam o fazer analítico, partindo da premissa de que a função analítica é, essencialmente, função de escuta. Mas de que escuta falamos?

“Isso é tratamento?” Com essa questão chega um jovem, no início de sua formação analítica, tentando se aventurar na escuta do inconsciente de sua paciente. A esse interrogante agrega-se uma afirmação: “Porque me sinto como se não estivesse fazendo nada”. Esse sujeito, angustiado frente à mudança de perspectiva que nele se opera, ainda não consegue acreditar que o que fazemos não é simplesmente pensar, por mais complexo que possa ser o processo do pensamento. Não é tampouco compreender racionalmente nem decodificar aquilo que é dito.

O que é então a escuta analítica?

Freud (1904), ao evocar as transformações do método – que no seu entender só levava a informações parciais, não destruía resistências e só obtinha sucessos provisórios –, propôs a regra fundamental². Segundo ele, o método da livre associação permitia atingir com maior facilidade o território das representações recalçadas. Dessa maneira, foi gradativamente privilegiando a escuta da narrativa de seus pacientes, dos sonhos à psicopatologia da vida cotidiana. Solicitava que não deixassem de revelar um pensamento ou ideia, a pretexto de os acharem vergonhosos, dolorosos ou mesmo destituídos de valor.

Na medida em que a escuta das associações livres passa a ser condição *sine qua non* do processo analítico, se impõe uma contrapartida por parte

¹ “Novos Tempos, Velhas Recomendações (sobre a função analítica)” (LEITE; PAIM FILHO, 2007).

² No trabalho “Associação Livre: a narrativa do inconsciente” (PAIM FILHO; TERRA MACHADO, 2006), os autores repensam esse conceito e postulam a importância do livre associar por parte do analista.

do analista: a atenção flutuante. Acreditamos que a possibilidade de o paciente conseguir corresponder à solicitação da regra fundamental encontra-se diretamente relacionada à condição de o analista entregar-se ao exercício da atenção flutuante.

Para nos situarmos no tempo e no espaço, pensamos apropriado fazermos algumas considerações sobre a história da atenção flutuante no desenvolvimento do pensamento freudiano. Partiremos do princípio de que essa regra vai ser forjada no decorrer da formação analítica de Sigmund Freud. Nesse sentido, tecer um escrito sobre essa problemática implica pensar a resultante da interação do sujeito Sigmund com o clínico Freud.

O fundador da psicanálise criou o termo atenção flutuante para designar a regra técnica, também fundamental, segundo a qual o psicanalista deve escutar seu analisando sem privilegiar nenhum elemento do discurso deste e deixando que sua própria atividade inconsciente entre em ação. Podemos inferir que essa regra, fundamental para o analista, surge quase ao mesmo tempo do seu par complementar, desde o vértice do analisando: a associação livre. Sabemos que a paciente Emmy von N. (1889) ocupa um lugar primordial na gênese dos fundamentos dessa regra, ao proferir as seguintes palavras para Freud: “Disse, então, num claro tom de queixa, que eu não devia continuar a perguntar-lhe de onde provinha isso ou aquilo, mas que a deixasse contar-me o que tinha a dizer” (1889, p. 91).

Temos, nesse momento inaugural, o pedido de um livre falar por parte da paciente e, felizmente, uma escuta por parte do seu embrionário analista, que ousa desprender-se do seu interrogatório e deixa-se levar pelas histórias dessa jovem viúva. É nessa época que Freud, iniciando sua renúncia ao uso da hipnose como método investigativo e de cura dos sintomas, começa a estabelecer a escuta dos derivados do inconsciente em detrimento da busca objetiva da lembrança esquecida.

Em 1900, na *Interpretação dos Sonhos*, comenta a importância de que o analista não fique preso a fatos específicos, mas que possa prestar uma atenção mais ampla aos detalhes, não só dos sonhos como também dos atos falhos e chistes, enfim, a tudo aquilo que escapa ao discurso coerente e organizado. Esse novo olhar/escuta de Freud sobre a produção onírica

é produto da sua autoanálise, centrada na associação livre, que julgamos ser decorrente de um fluir da sua atenção flutuante. Paralelamente ao desenrolar do seu processo analítico, a clínica segue produzindo indagações e possibilitando a criação de respostas, da metapsicologia à técnica, como podemos observar nos três maiores casos publicados de Freud: Dora (1901) – **a transferência e a interpretação, entre o repetir e o recordar o passado esquecido**; Homem dos Ratos (1907-1908) – **trabalho de instrumentalizar a associação livre**; e, por último, o Homem dos Lobos (1910-1914) – **a escuta do fundamento do inconsciente, construções na análise**.

A história analítica de Dora desenrolou-se entre a redação da Interpretação dos Sonhos e os Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade. Através dela o autor procurava comprovar a validade de suas teses sobre a histeria, além de expor a natureza do tratamento psicanalítico, já então fundamentado na interpretação dos sonhos e na associação livre. Com sua escuta diferenciada, ele consegue fazer surgir a patologia por trás das aparências de normalidade, e com isso restituir a Dora uma verdade que sua família lhe roubara, ao chamá-la de simuladora. Entretanto, o descobridor do inconsciente denuncia os limites de sua função analítica, não sendo capaz de trabalhar a transferência positiva que lhe é atribuída, tampouco de compreender a natureza homossexual da relação de Dora com a Sra. K.

O Homem dos Ratos foi considerado o segundo grande tratamento psicanalítico de Freud, e sua única terapia perfeitamente bem-sucedida. Ele pôs em cena a essência do amor edípico pela mãe e o ódio pelo pai. Esse homem obcecado por ratos e por uma dívida chegou ao consultório de Freud e entrou de imediato no jogo da associação livre, evocando espontaneamente lembranças sexuais que remontavam a seus seis anos de idade. Através dessa técnica, ocupando para o paciente o lugar de pai, o analista conseguiu relacionar o complexo paterno com a obsessão por ratos, ao mesmo tempo em que mostrava ao paciente, na transferência, o ódio inconsciente ao pai. Com esse analisando observamos que a escuta do seu analista está mais refinada, principalmente quando escutamos o seu trabalho psíquico com a demanda transferencial. Compreendemos que, nesse caso, Freud avança no sentido de implicar-se no processo analítico.

O Homem dos Lobos é o último grande caso de Freud. Nele vamos encontrar referendado, de forma enfática, o lugar da construção. Esta passa, a partir desse caso, a ser tão relevante quanto a interpretação. Freud irá reconstruir a vivência primitiva (cena primária) do seu analisando a partir de um sonho, que pode ser considerado paradigmático – sonhos com lobos brancos numa árvore. O mais célebre paciente do criador da psicanálise estará envolvido com uma questão técnica polêmica, que diz respeito à introdução, por parte do seu analista, de um novo parâmetro no decorrer da sua análise: Freud, ao final do terceiro ano de tratamento, estipula a data da alta, que ocorrerá em um ano, com o objetivo de pressionar o trabalho psíquico de seu analisando. Que escuta seria essa? Essa intervenção pode estar vinculada a sentimentos contratransferenciais? A título de uma observação mais ampla sobre o destino dessa análise, recordamos que, após a alta, Serguei volta a procurar Freud para tratamento duas vezes: uma em 1919, quando faz uma reanálise por três meses; a segunda, em 1926, ocasião em que foi encaminhado para a analista Ruth Brunswick, analisanda de Freud, que o considerou portador de uma patologia mais primitiva que a neurose (psicose? limítrofe?). Contudo, o paciente vai manter a convicção no diagnóstico de Freud. Sabemos, através dos estudos biográficos, que esse paciente passou a fazer parte da história da psicanálise, mantendo-se vinculado a analistas pós-freudianos e ao movimento psicanalítico até sua morte em 1979.

É admirável observar o quanto essas vivências clínicas vão estar no fundamento dos chamados artigos técnicos de Freud, que são concebidos no período de 1910 a 1915. Nesse sentido, relendo o artigo “As Perspectivas Futuras da Terapêutica Psicanalítica”, de março de 1910, nos reencontramos com um dos raros momentos em que Freud vai falar da contratransferência: “Tomamo-nos cientes da contratransferência, que, nele, surge como resultado da influência do paciente sobre os seus sentimentos inconscientes [...], nenhum psicanalista avança além do quanto permitem seus próprios complexos e resistências internas” (FREUD, 1910, p. 130). Diante desse contexto, conjecturamos que esse escrito traz as marcas do trabalho analítico de Freud com o Homem dos Ratos e, dentro da visão de comunicações do inconsciente, prenuncia o labor psíquico que terá de executar com o Homem dos Lobos, de março de 1910 a junho de 1914. Talvez pudéssemos especular que as perspectivas enunciadas sobre o inconsciente do analista, no artigo de 1910, nascem com Ernst Lanzer e são re-significadas nesse presente-futuro com Serguei Pankejeff.

Avançando por esse caminho, depreendemos de nossa leitura do caso ímpar do Homem dos Lobos o quanto esse vai estar presente no escritor-analista no momento em que reedita, nas “recomendações”, a importância de o analista escutar a sua produção inconsciente. Acreditamos que esse paciente, em especial, re-convocou Freud a reescutar as ressonâncias do seu próprio inconsciente, inclusive dos seus pontos vulneráveis.

Desde essa perspectiva, retomemos um dos tópicos de nossa temática, a “atenção flutuante”. A constituição desse postulado fundante da técnica psicanalítica vai ganhar consistência em 1911 e 1912, nos trabalhos intitulados: *O Manejo da Interpretação de Sonhos na Psicanálise* e nas *Recomendações aos Médicos que Exercem a Psicanálise*. No primeiro, encontramos textualmente a importância e preocupação de Freud com a viabilidade de o analista instrumentalizar essa recomendação para si e para o seu analisando: “Sei que é pedir muito, não apenas ao paciente, mas também do médico, esperar que abandonem seus propósitos conscientes durante o tratamento e entreguem-se a uma orientação que, apesar de tudo, ainda nos parece ‘acidental” (1911, p. 124). Um ano depois, Freud, mobilizado por sua clínica, pela sequência interminável da sua autoanálise e por seus jovens analistas em formação, volta a sublinhar de forma contundente a importância da associação livre por parte do analisando e da atenção flutuante por parte do analista, sendo a resultante desse binômio um fator de extrema relevância no processo da cura. Eis suas palavras: “Ver-se-á que a regra de prestar igual reparo a tudo constitui a contrapartida necessária da exigência feita ao paciente, que comunique tudo que lhe ocorre, sem crítica ou seleção” (1912, p. 150). Logo em seguida completa e aconselha aos analistas: “Ele deve conter todas as influências conscientes da sua capacidade de prestar atenção e abandonar-se inteiramente à ‘memória inconsciente” (1912, p. 150). Alerta que aqueles que não tomarem a precaução de serem analisados não só não serão capazes de captar um pouco mais em relação a seus pacientes, mas também correrão o risco de cair mais facilmente na tentação de projetar para fora particularidades de sua própria personalidade, tornando-se um perigo para os outros.

Freud, consciente da sua dificuldade e da dificuldade dos analistas – “sei que é pedir muito” – de permitirem-se serem guiados pelo fluir do seu inconsciente a partir do inconsciente do analisando, retomará essa

temática em outros momentos significativos da sua obra, como em 1915, quando retoma a questão da necessidade de manter controlada a contratransferência despertada pela transferência amorosa. Nesse artigo, nos coloca que a experiência de se deixar levar por sentimentos ternos em relação ao paciente representa um perigo para a análise, já que nosso controle sobre nós mesmos não é tão completo que não possamos, um dia, ir além do que havíamos pretendido. Enfatiza a fundamental importância de levar o tratamento a cabo em abstinência. Em 1923, ratifica e amplia as palavras de 1911 e 1912: “A experiência logo mostrou que a atitude que o médico analítico podia mais vantajosamente adotar era entregar-se a sua própria atividade mental inconsciente, num estado de atenção imparcialmente suspensa, [...] apreender o curso do inconsciente do paciente com o seu próprio inconsciente” (FREUD, 1923, p. 291).

Quatorze anos se passam até que, em 1937, Freud sente a necessidade de relembrar aos analistas o quanto a sua figura está implicada com o desenrolar da análise. Fará isso no seu último trabalho dedicado à clínica, que podemos considerar um testemunho do seu exercício clínico e, ao mesmo tempo, uma espécie de missiva testamentária em que deixa uma série de reflexões, ao que poderíamos chamar de **recomendações finais para aqueles que exercem a psicanálise**. Fará isso recolocando em cena a complexidade da cura em psicanálise, o que o levou a denunciar o caráter interminável de toda a análise. Destacou o compromisso e a responsabilidade que todo o analista tem com os desdobramentos que levam a essa cura terminável/interminável, e comenta: “Entre os fatores que influenciam as perspectivas do tratamento analítico e se somam às suas dificuldades da mesma maneira que as resistências, devem-se levar em conta não apenas a natureza do ego do paciente, mas também a individualidade do analista” (FREUD, 1937, p. 281).

Pensamos ser pertinente esclarecer que entendemos a “individualidade do analista” como a sua subjetividade, construída a partir do seu inconsciente. Assim sendo, vemos nessa afirmação freudiana a inscrição da força do inconsciente, dessa terra estrangeira que nos habita, destinada desde sempre ao exílio, permeada pelo enigmático, só se fazendo conhecer pelos seus emissários – o que faz do ofício analítico essa tarefa impossível (FREUD, 1937, p. 282), pois tem por meta decifrar o indecifrável do inconsciente, a partir do encontro de dois. Para realizar tal meta, o analista

contará essencialmente com sua escuta, caracterizada por uma dupla função: de um lado, escutar a dinâmica do seu inconsciente sendo guiado pela atenção imparcialmente suspensa; por outro, escutar o seu analisando guiado pela associação livre.

Fazendo um desdobramento do pensar freudiano, recordamos Lacan (1997), que indica que o lugar do analista na análise é o lugar de um objeto recoberto de um enigma. Sendo assim, todo o seu comportamento, seu modo de ser, ou seja, a maneira como fala com o paciente, as palavras que usa, o tom da sua voz, tudo contribui para que venha a ocupar esse lugar que é ao mesmo tempo um não lugar. O analista veste, transveste, investe o objeto com o mistério de seu silêncio e de sua recusa de gratificação para fazer sentir que o objeto é sempre insatisfação, e esta é a condição para que haja demanda de amor. O que é silêncio e reserva no analista se torna angústia, dor e paixão no analisando. Uma análise se dá na medida em que o analista tenha disponibilidade e recursos para ocupar esse lugar de objeto, que tem como adjetivos e objetivos sustentar o enigma, o mistério e o inefável.

Diante desse contexto, o que pensar dessa premissa nesses novos tempos que se caracterizam pela busca da objetividade em prol da subjetividade, como, por exemplo, a crescente busca dentro da terra psicanalítica pelo princípio da certeza, desconsiderando a validade do princípio da incerteza? E quanto às chamadas patologias atuais, que evocam e convocam o analista a uma intervenção via construção, ele deveria privilegiar mais a “atenção” em detrimento da “flutuação”?

Eis aí mais algumas perguntas que precisam ficar em suspenso por mais algum tempo. Enquanto isso, façamos determinadas considerações a partir do pensamento freudiano sobre o que podemos entender a respeito dessa expressão: “atenção flutuante”. Estamos diante de uma **antinomia**: duas palavras que, juntas, nomeiam uma situação; entretanto, carregam consigo contradições básicas. A “atenção”, num sentido amplo, refere-se a uma capacidade de ligar a percepção a um estímulo específico; remete a uma ideia de concentração, de permanecer atento. O “flutuante”, por seu turno, remete à ideia de voar, deslizar, desconcentrar, não fixar a percepção a nada específico. Parece-nos que estamos, novamente, diante de mais um paradoxo, característico do pensar analítico de Freud, pois temos uma situação similar a essa com a expressão “asso-

ciação livre”. Para lhe dar significação, temos de compreendê-la para mais além do dito, ou seja, ao que busca ser livre das amarras da censura imposta pelo pré-consciente/consciente. É, contudo, uma associação determinada pela força do inconsciente recalcado. Importa assinalar que ser paradoxal é a própria essência do inconsciente, pois nesse sistema as coisas simplesmente existem, não há contradição entre elas, somente o desejo que pulsa em busca de gratificação. Nesse sentido, a psicanálise, enquanto ciência do inconsciente, poderia ser considerada a ciência do paradoxo³.

Bem, voltemos à atenção, que esperamos também flutuante, para o nosso atual paradoxo. Ocorre-nos a ideia de que talvez a nossa **antinomia** no seu conjunto remeta a um **oximoro** – que é definido como figura de estilo que reúne palavras aparentemente contraditórias. Acreditamos que esse oximoro faça jus ao estilo freudiano. Portanto, vejamos por que trilhas podemos dar ancoragem a essa nossa afirmação.

Imaginemos a seguinte cena: o analista e analisando no *setting*, num ambiente propício para a regressão da dupla. Sabemos que o desejado nesse processo é que o analisando permita-se associar livremente, e o analista possa escutar, desde a sua atenção flutuante, captando o fluxo dos inconscientes. Assim sendo, o analista condizente com a sua função paradoxal tem o compromisso antitético de flutuar e, também, de ficar atento, de modo a se permitir submergir no universo dos inconscientes e preservar a sua capacidade de emergir do seu próprio inconsciente. Isso significa manter consigo sua função disruptiva e conjuntiva, que são as vias pelas quais poderá advir uma interpretação e/ou construção. Pensando a questão de romper *versus* conjugar, essa pode ser uma maneira apropriada de especularmos uma sustentação metapsicológica para a “atenção flutuante”.

Postulamos que a “atenção” está intimamente vinculada com a força de ligação da pulsão sexual, fazendo da regressão do analista um dos meios pelo quais pode advir o escutar do flutuar do seu inconsciente e os derivativos do inconsciente do analisando. Sendo a “atenção” uma espécie de condutora que dá salvo conduto a esse estrangeiro para que ele possa

³ Evidentemente, o ser paradoxal vai ganhar sentido *a posteriori*, quando do estabelecimento do conflito entre os sistemas psíquicos.

transitar e ser liberado desse país des/conhecido, chamado inconsciente, ou ainda, com diz Lecler, o país do outro.

Quanto à “flutuação”, essa nos evoca a força disruptiva da pulsão de morte, a capacidade de desligar-se, de romper com o discurso produzido pelo processo secundário, de deixar-se ser surpreendido pelo trabalho de metamorfose dos inconscientes, de viver a experiência regressiva do pensar em imagens. Desprender-se da identidade de pensamento. Como diz Freud (1916), “cegar-se artificialmente”, permitindo-se viver o encontro com a identidade de percepção do analisando.

Fazendo uma síntese, reafirmamos: essa regra técnica fundamental, para o exercício da função analítica, está balizada pelos destinos da interação da pulsão sexual *versus* a pulsão de morte. Está comprometida com a busca de dar novos rumos às vicissitudes da pulsão, ou seja, de ampliar a capacidade representacional e simbólica. Se o processo analítico cumprir a sua meta de dinamizar o intercâmbio desejante, teremos rearranjado o universo da psique, dando uma nova configuração para a interação entre a transformação no contrário, o retorno sobre si mesmo, o recalque e a sublimação.

Após essas linhas de trabalho, que esperamos sejam fecundas, estamos em condição de focar o nosso postulado – Função Analítica: Função de Escuta. Escutar, função que está assentada, quando analiticamente executada, sobre o oximoro da atenção flutuante. Concordar-se com essa afirmação significa referendarmos a ideia de que a essência da análise é decorrente do processo que se passa entre e nos inconscientes. Explorando essa montagem, tecemos a hipótese de que a “Função de Escuta”, marca constitutiva do vir a ser analista, só pode ser pensada como a receptora do que se passa na interação dos inconscientes da dupla analítica. Essa escuta, muito singular, habilita esse sujeito chamado analista a ser um receptor passivo/ativo e um emissor. Passivo, podendo albergar essas produções do inconsciente; ativo, no sentido de discriminar as origens dessa produção; e, de posse desse saber enigmático, emitir uma intervenção.

Acompanhando essa trilha associativa, nos encontramos com o livro de Nazio *Como Trabalha um Psicanalista*, em que expõe suas ideias a respeito da fala do analista. Para ele, a intervenção analítica é a expressão de um

processo. A escuta do analista dissipa e integra aquilo que o paciente recalca e concentra. A possibilidade de um sintoma desaparecer significa que a representação irreconciliável pôde ser integrada ao sistema de representação da escuta analítica e que, assim, sua sobrecarga pôde ser disseminada. Para que se dê tal processo, é necessário que a linguagem do analisando seja escutada por um analista que suporte entrar na psique a ponto de ali encarnar o excesso irredutível, deixando-se apanhar pela atividade pulsional. Diante dessa conquista, temos um analista que estará em condições de proferir uma interpretação ou fazê-la surgir no analisando.

Seguindo esse roteiro especulativo sobre o percurso que vai da atenção flutuante à intervenção do analista, mediada pela sua função de escuta, rememoramos uma observação feita por Freud, em 1905, a respeito do lugar da palavra como elemento constitutivo da mudança psíquica:

Agora começamos a compreender a “magia” das palavras. É que as palavras são o mediador mais importante da influência que um homem pretende exercer sobre outro; as palavras são um bom meio de provocar modificações anímicas [...] já não soa enigmático afirmar que a magia das palavras pode eliminar os sintomas patológicos, sobretudo aqueles que se baseiam justamente nos estados psíquicos (1905, p. 276).

À medida que compreendemos a função analítica, conforme exposto acima, estamos referendando a importância nesses novos tempos das velhas recomendações freudianas. No processo analítico, o analista, indo mais além da patologia, não pode prescindir da sua função de escuta do inconsciente, não só do recalco como também do desmentido, do forcluído, ou ainda do que segue apenas como impressão psíquica no inconsciente que nunca foi consciente. Desse modo, não esqueçamos que escutar é mais que ouvir, interpretar é mais que falar, construir é mais que historizar e, por fim, o silêncio não é igual à ausência de palavras.

Quando olhamos, por exemplo, o pulsar do não representável, que vibra pela construção do analista, o que escutamos? Escutamos que essa construção só vai adquirir o status de convicção, no analisando, se sua concepção estiver imantada por uma “Função de Escuta” decorrente do processo da atenção flutuante. A eficácia de uma análise, do representável

ao irrepresentável, é determinada, antes de tudo, pela capacidade do analista de estar conectado com o proposto por Freud em 1916, fazendo uma transposição do ato de escrever para um ato analítico: “renunciar à coesão, à harmonia, à retórica”, para depois advir a palavra. Portanto, é imprescindível viver o disruptivo, o flutuante – “um ponto escuro” – e captá-lo pela capacidade de conjugação da atenção – “focalizar a luz” –, para delas fazer o diapasão da escuta, consentindo que a palavra trabalhada do analista adquira o adjetivo metafórico de “magia”.

New Times, Old Recommendations II (analytic function: role of listening)

Abstract: The authors let themselves reflect in “New Times, Old Recommendations II” the interaction between the Analytic Function: Listening Function. For these one, they go from the basic rules of the suspended attention, seen as a vital instrument so the analyst can hear the going of the unconscious. They look for work the metapsychology heptoses that the “attention” is to the force of the line of the sexual instinct, as long as, the “fluctuation” is for the ruptive force of death instinct. They emphataise the importation of make themselves work in these new times to the analytic listen of unconscious, from the representable to the irrepresentable, that have as mentor the suspended attention.

Keywords: Analyst. Listening. Suspended attention. Unconscious.

Nuevos Tiempos, Viejas Recomendaciones II (función analítica: función de escucha)

Resumen: Los autores se proponen a reflejar en ese “Nuevos Tiempos, Viejas Recomendaciones II” la interacción entre Función Analítica: Función de Escucha. Para tal parten de la regla fundamental de la atención flotante, mirando en esa un instrumento vital a fin de que el psicoanalista pueda escuchar el fluir de los inconscientes. Buscan tejer la hipótesis metapsicológica que la “atención” está para la fuerza ligazón de la pulsión sexual, así como, la flotación está para la fuerza disruptiva de la pulsión de muerte, Ratifican la importancia de se validar en esos nuevos tiempos a la escucha analítica del inconsciente, del representable a lo irrepresentable, teniendo como vector la atención flotante.

Palabras-clave: Atención flotante. Escucha. Inconsciente. Psicoanalista.

Referências

- FREUD, S. (1889). Caso 2: Sra. Emmy von N. In: _____. **Obras Psicológicas Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 2.
- _____. (1901). Fragmento da Análise de um Caso de Histeria (caso Dora). In: FREUD, S. **Obras Psicológicas Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 7.
- _____. (1904). O Método Psicanalítico de Freud. In: FREUD, S. **Obras Psicológicas Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 7.
- _____. (1905). Tratamento Psíquico (ou anímico). In: FREUD, S. **Obras Psicológicas Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. 7.
- _____. (1907-1908). Notas Sobre um Caso de Neurose Obsessiva (Homem dos Ratos). In: FREUD, S. **Obras Psicológicas Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 10.
- _____. (1910). As Perspectivas Futuras da Terapêutica Psicanalítica. In: FREUD, S. **Obras Psicológicas Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. 11.
- _____. (1910-1914). História de uma Neurose Infantil. In: FREUD, S. **Obras Psicológicas Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 17.
- _____. (1911). O Manejo da Interpretação dos Sonhos na Psicanálise. In: FREUD, S. **Obras Psicológicas Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 11.
- _____. (1912). Recomendações aos Médicos que Exercem a Psicanálise. In: FREUD, S. **Obras Psicológicas Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 12.
- _____. (1915). Observações Sobre o Amor Transferencial. In: FREUD, S. **Obras Psicológicas Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 12.
- _____. (1923). Dois Verbetes de Enciclopédia. (A) Psicanálise. In: **Obras Psicológicas Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 18.
- _____. (1937). Análise Terminável e Interminável. In: FREUD, S. **Obras Psicológicas Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 23.
- _____; ANDRÉAS-SALOMÉ, L. Carta Freud a Salomé (25/05/1916). In: _____. **Correspondência Completa**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- LACAN, J. **O Seminário. Livro 7. A Ética da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. Original publicado em 1986.
- LEITE, L. C.; PAIM FILHO, I. A. Novos Tempos, Velhas Recomendações (Sobre a função analítica). **Psicanálise**: Revista da SBP de PA, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 175-187, 2007.
- NAZIO, J-D. **Como Trabalha um Psicanalista?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

PAIM FILHO, I. A.; TERRA MACHADO, A. P. Associação Livre: a narrativa do inconsciente. **Revista do CEP de PA**, Porto Alegre, v. 13, p. 59-68, 2006.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA

Ignácio Alves Paim Filho

Felipe Néri, 457/401

90440-150 Porto Alegre – RS – Brasil

Fone: (51) 33213825

e-mail: paimiga@terra.com.br

Lísia Leite

Tobias da Silva, 99/506

90570-020 Porto Alegre – RS – Brasil

Fone: (51) 33951551

e-mail: lisia.l@terra.com.br